



IRMÃOS GRIMM &
HANS CHRISTIAN
ANDERSEN

DE ONDE VÊM AS PRINCESAS?



OS CONTOS QUE DERMAM
ORIGEM ÀS HISTÓRIAS
MAIS AMADAS DO CINEMA



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

**IRMÃOS GRIMM &
HANS CHRISTIAN ANDERSEN**

DE ONDE VÊM AS PRINCESAS?

OS CONTOS QUE DERM
ORIGEM ÀS HISTÓRIAS
MAIS AMADAS DO CINEMA

 Planeta minotauro



Tradução:
Petê Rissatti



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023

Todos os direitos reservados.

Títulos originais: *Den lille Havfrue* (A Pequena Sereia); *Snedronningen* (A Rainha da Neve); *Dornröschen* (A Bela Adormecida); *Sneewittchen* (Branca de Neve); *Aschenputtel* (A Gata Borralheira); *Der Froschkönig oder der eiserne Heinrich* (O Príncipe Sapo, ou Heinrich de Ferro); e *Rapunzel*.

Preparação: Bonie Santos

Revisão: Renato Ritto e Renata Lopes Del Nero

Projeto gráfico e diagramação: Beatriz Borges

Capa e ilustrações de miolo: Ellen Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Andersen, Hans Christian

De onde vêm as princesas: os contos que deram origem às histórias mais amadas do cinema/Hans Christian Andersen, Wilhelm Grimm, Jacob Grimm; tradução de Petê Rissatti. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2023.

160 p.

ISBN 978-85-422-2069-8

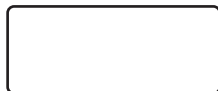
1. Literatura infantojuvenil alemã 2. Folclore – Alemanha 3. Contos de fadas I. Título II. Grimm, Wilhelm III. Grimm, Jacob IV. Rissatti, Petê

23-0392

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil alemã



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br



SUMÁRIO

✧ *Hans Christian Andersen* ✧

A PEQUENA SEREIA	13
A RAINHA DA NEVE	53

✧ *Irmãos Grimm* ✧

A BELA ADORMECIDA	105
BRANCA DE NEVE	113
A GATA BORRALHEIRA	129
O PRÍNCIPE SAPO, OU HEINRICH DE FERRO	143
RAPUNZEL	151



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



A PEQUENA SEREIA

Hans Christian Andersen

 Planeta minotauro

Lá no meio do oceano, onde a água é azul como a mais bonita centáurea e límpida como cristal, o mar é muito, muito profundo; tão, tão profundo que nenhum cabo seria capaz de sondá-lo, e nem mesmo várias torres de igreja empilhadas umas sobre as outras alcançariam, do solo lá embaixo, a superfície da água lá em cima. Lá vivem o Rei do Mar e seus súditos.

Não devemos imaginar que não há nada no fundo do mar além de simples areia amarela. Não, pois nessa

areia crescem, de fato, as mais estranhas flores e plantas, cujas folhas e caules são tão flexíveis que a menor agitação da água faz com que se mexam como se tivessem vida. Peixes grandes e pequenos deslizam por entre os galhos como os pássaros voam por entre as árvores aqui na terra firme.

No ponto mais profundo de todos fica o castelo do Rei do Mar. As paredes são feitas de coral, e as longas janelas góticas, do âmbar mais translúcido. O telhado é formado por conchas que se abrem e se fecham à medida que a água flui sobre elas; são muito bonitas, pois em cada uma há uma pérola brilhante que caberia muito bem no diadema de uma rainha.

O Rei do Mar era viúvo havia muitos anos, e quem cuidava de seu castelo era sua mãe idosa. Era uma mulher muito sensata, mas extremamente orgulhosa de suas origens nobres, e por isso usava doze ostras na cauda, enquanto outras mulheres de alta classe só podiam usar seis.

No entanto, fazia por merecer os muitos elogios que recebia, especialmente por seus cuidados com as princesinhas do mar, suas seis netas. Eram crianças lindas, mas a mais nova era a mais bonita de todas. A pele dela era clara e delicada como uma pétala de rosa, e os olhos, azuis como o mar mais profundo; no entanto, como todas as outras, ela não tinha pés, e seu corpo

terminava em um rabo de peixe. Durante todo o dia, as princesas brincavam nos grandes salões do castelo ou entre as flores vivas que cresciam nas paredes. As grandes janelas âmbar ficavam abertas, e os peixes nadavam para dentro, assim como as andorinhas voam para dentro de nossa casa quando abrimos as janelas; só que os peixes nadavam até as princesas, comiam da mão delas e se deixavam acariciar.

Do lado de fora do castelo havia um belo jardim, no qual cresciam flores vermelho-vivas e azul-escuras, e outras como chamuscas; os frutos brilhavam como ouro, e as folhas e caules balançavam sem parar de um lado para o outro. A própria terra era da areia mais fina, mas azul como a chama de enxofre ardente. Sobre tudo isso pairava um brilho azul peculiar, como se o céu azul estivesse por toda parte, acima e abaixo, em vez das profundezas escuras do mar. Quando o clima estava calmo, o sol podia ser visto semelhante a uma flor roxo-avermelhada que tinha luz fluindo do cálice.

Cada uma das jovens princesas tinha um pequeno quinhão de terra no jardim onde podia cavar e plantar como quisesse. Uma ajeitou o canteiro de flores na forma de uma baleia; outra preferiu fazer do seu a figura de uma pequena sereia; enquanto a caçula fazia a sua parte redonda como o sol, e nela cultivava flores tão vermelhas quanto seus raios ao crepúsculo.

Ela era uma criança estranha, quieta e pensativa. Enquanto suas irmãs se deleitavam com as coisas maravilhosas que retiravam de destroços dos navios, ela se importava apenas com suas lindas flores, vermelhas como o sol, e com uma bela estátua de mármore. Era a representação de um menino bonito, esculpida em pedra branca pura, que havia caído de um naufrágio até o fundo do mar.

Plantara um salgueiro-chorão cor-de-rosa ao lado da estátua. A árvore crescera rapidamente, e logo seus galhos frescos começaram a pender sobre a estátua quase até tocar a areia azul. As sombras eram de cor violeta e ondulavam para lá e para cá como os galhos, de modo que parecia que a copa da árvore e a raiz estavam brincando, tentando se beijar.

Nada lhe dava tanto prazer quanto ouvir sobre o mundo acima do mar. Ela pedia que sua velha avó lhe contasse tudo o que sabia sobre os navios e as cidades, as pessoas e os animais. Para ela, era maravilhoso e belo ouvir que as flores da terra tinham fragrâncias, enquanto as do fundo do mar não tinham; que as árvores da floresta eram verdes; e que os peixes entre as árvores cantavam tão docemente que era um prazer ouvi-los. Sua avó chamava os pássaros de peixes, ou a pequena sereia não teria entendido o que a palavra significava, pois nunca tinha visto nenhum pássaro.

— Quando completar quinze anos — disse a avó —, você terá permissão para sair do mar e se sentar nas rochas ao luar, enquanto os grandes navios passam navegando. Então, verá florestas e cidades.

No ano seguinte, uma das irmãs faria quinze anos, mas, como cada uma era um ano mais nova que a outra, a caçula teria que esperar cinco anos antes que chegasse a sua vez de subir do fundo do oceano para ver a terra como nós vemos. No entanto, cada uma prometeu contar às outras o que visse em sua primeira visita e o que achasse mais bonito. A avó não lhes conseguia dizer o bastante — havia tantas coisas sobre as quais elas queriam saber...

Nenhuma delas ansiava tanto pela própria vez quanto a caçula — ela, que precisaria esperar mais tempo e que era tão quieta e pensativa. Em muitas das noites, ficava perto da janela aberta, olhando para cima através da água azul-escura, observando os peixes chapinharem com suas barbatanas e caudas. Conseguia ver a lua e as estrelas brilhando fracamente, mas, através da água, elas pareciam maiores do que parecem aos nossos olhos. Quando algo como uma nuvem escura passava entre a caçula e os astros, ela sabia que era uma baleia nadando sobre sua cabeça ou um navio cheio de seres humanos que nunca imaginariam que uma linda sereia estava parada abaixo deles, estendendo as mãos brancas em direção à quilha do barco.